

OS MUSEUS DA ROTA ROMÂNTICA, SUA LÓGICA MEMORIAL E SUA CONTEXTUALIZAÇÃO IDENTITÁRIA ENTRE A CULTURA ALEMÃ E O PROCESSO MIGRATÓRIO.

Cintia Elisa Dhein

Pablo Cesar Uez

Pedro de Alcântara Bittencourt César

Universidade de Caxias do Sul - Brasil

Resumo

A Associação Rota Romântica teve início na década de 1990, com inspiração na *Romantische Strasse*, situada na Alemanha. Treze municípios situados na região da grande Porto Alegre e na Serra Gaúcha compõem esse roteiro, que engloba municípios que têm em comum a colonização alemã e a preservação da cultura desta origem, e um processo de migração do início do século XIX. A pesquisa parte da premissa de que, ao longo da Rota, existem museus que possuem o apelo da imigração alemã. Assim, é apresentada a relação dos museus existentes neste roteiro, fazendo um recorte e selecionando aqueles que, de alguma forma, abordam a cultura trazida pelos imigrantes alemães, seja ela representada através dos objetos decorativos, utensílios domésticos e de trabalho, usos, costumes, técnicas de construção, ou ainda, que retratam os primeiros anos no Rio Grande do Sul. Definidos os museus a serem pesquisados, é feita a análise com o objetivo de saber se esses museus desenvolvem trabalhos de interpretação patrimonial. Na pesquisa, realiza-se e contextualiza-se o museu, seu acervo e a sua interpretação patrimonial. Aborda-se referencial de autores que trabalham com estes conceitos e reflete-se sobre as práticas existentes.

Palavras-Chave: Interpretação patrimonial. Museus. Rota Romântica

LOS MUSEOS DE LA RUTA ROMÁNTICA, SU LÓGICA MEMORIAL Y SU CONTEXTUALIZACIÓN IDENTITARIA ENTRE LA CULTURA ALEMANA Y EL PROCESO MIGRATORIO

Resumen

La Asociación *Ruta Romántica* tuvo sus inicios en la década de 1990, inspirada en la *Romantische Strasse*, situada en Alemania. Componen esta ruta un proceso de migración que comenzó a principios del siglo XIX en trece municipios situados en la región del *Gran Porto Alegre* y de la *Serra Gaúcha*, cuyo común denominador es la colonización alemana y la preservación de la cultura de ese origen. La investigación parte de la premisa de que a lo largo de la mencionada Ruta existen museos que poseen recuerdos de la inmigración alemana. De este modo se ofrece al visitante la relación de los museos existentes en esta ruta, seleccionando aquellos que, de alguna manera, abordan la cultura traída por los inmigrantes alemanes, ya sea a través de objetos decorativos o bien de utensilios domésticos o herramientas

de trabajo, usos, costumbres y técnicas de construcción que retratan sus primeros años en Río Grande do Sul.

Una vez definidos los museos a investigar, se realiza un análisis con el propósito de saber si desarrollan trabajos de interpretación patrimonial. La investigación se realiza y se contextualiza en el museo, en su acervo y la interpretación patrimonial del mismo. Se ofrecen además referencias e información sobre los autores que trabajan con estos conceptos y se reflexiona sobre las prácticas existentes.

Palabras clave: Interpretación patrimonial. Museos. *Ruta Romántica*

THE MUSEUMS OF THE *ROMANTIC ROUTE*, THEIR MEMORIAL LOGIC AND THEIR IDENTITY CONTEXTUALIZATION BETWEEN THE GERMAN CULTURE AND THE MIGRATORY PROCESS

Abstract

The *Romantic Route Association* began in 1990, inspired by the *Romantische Strasse*, in Germany. This *Route* is made up by thirteen towns halls located in the area of the *Great Porto Alegre* and in *Serra Gaúcha*, whose common denominator is the German colonization and the preservation of the culture of that origin, in a migration process that started at the beginning of the XIXth century. The research stems from the premise that along this *Route* there are museums which contain souvenirs of the German immigration. This way, the relationship of the museums of this *Route* is presented by choosing those that, in some way approach the culture brought by German immigrants through decorative objects or household utensils or tools, habits, traditions and building techniques that portray their first years in Río Grande do Sul.

Once the museums to be investigated have been chosen, an analysis is carried out in order to know if they work on heritage interpretation. The research is performed in its collection and in its interpretation within the context of each museum. References and information about the authors that work with these concepts are offered and the existing practices are discussed.

Key words: Heritage interpretation. Museums. Romantic route.

OS MUSEUS DA ROTA ROMÂNTICA, SUA LÓGICA MEMORIAL E SUA CONTEXTUALIZAÇÃO IDENTITÁRIA ENTRE A CULTURA ALEMÃ E O PROCESSO MIGRATÓRIO.

Cintia Elisa Dhein

Pablo Cesar Uez

Pedro de Alcântara Bittencourt César

Universidade de Caxias do Sul - Brasil

Introdução

Nas sociedades, novas representações são definidas. Assim, no espaço condicionam-se o reconhecimento de identidades e apropriações. Lugar e territórios contribuem para sustentar os arranjos produtivos das novas lógicas definidas. Neles, o consumo por um lado torna-se aspecto inerente da sociedade, parte de seus aspectos culturais, mas também ícones culturais. A arte e a paisagem cultural tornam-se objeto de consumo.

Tal condição leva a crer que “as principais características da sociedade de consumo – a fragmentação e a superprodução da cultura – são freqüentemente consideradas os indicadores fundamentais do modernismo” (FEATHERSTONE, 1997, p.110). Dessa forma, se, por um lado, “as culturas nacionais têm surgido habitualmente junto com os processos de formação do Estado, nos quais os especialistas culturais reinventam tradições, voltaram a moldar e renovaram a essência ética do povo” tendo definidos também, recentemente em suas “lógicas globais por fluxo de pessoas em escala mundial, da tecnologia, de relação financeira, imagem e informação” (FEATHERSTONE, 1997, p.126-7). Entretanto, por outro a ascensão do homem, como sujeito do espaço cotidiano que se justifica pelos seus valores constituídos. Os estatutos culturais agora se sustentam, também, por valores vernaculares.

Justifica-se, no local, a formação cultural. Não se espera mais seu posicionamento como base da cultura hegemônica. Espera-se, entre múltiplos aspectos, o reconhecimento cultural dos grupos étnicos que povoam o Brasil.

Assim:

“O estoque comum de conhecimentos à disposição, no que se refere ao grupo de pessoas que são os habitantes e o entorno físico (organização do espaço, construções, natureza, etc.), é relativamente fixo, segundo se pressupõe, isto é, trata-se de algo que persistiu ao longo do tempo e pode incorporar rituais, símbolos e cerimônias que ligam as pessoas a um lugar e a um sentido comum do passado. Tal senso de pertença, as experiências comuns sedimentadas e as formas culturais que são associadas a um lugar, são fundamentais para o conceito de uma cultura local” (FEATHERSTONE, 1997, p.130-131).

Nos museus, os grupos sentem-se pertencer aos respectivos locais. Condição que sugere a elaboração de suas formas culturais associadas à região. Constituem-se as representações espaciais por um conjunto de imagens arraigadas de valores existentes no local.

Tal condição sustenta as práticas atuais. Desta maneira:

“Com o pós-modernismo há o ressurgimento do vernacular, das formas de representação que empregam o pastiche e a colagem lúdica de estilos e tradições. Em resumo, há um retorno as culturas locais, e deve-se enfatizar: culturas locais no plural, bem como o fato de que elas podem ser colocadas ao lado uma da outra sem distinção hierárquica (FEATHERSTONE, 1997, p.135).

Os membros de uma localidade formam uma comunidade distinta, com sua cultura própria, única, que forma um lugar. Há uma aceitação de que a cidade pequena está na sociedade de massa, “na cultura local é enfatizada a própria identidade” (FEATHERSTONE, 1997, p.153). Valores que muitas vezes são utilizados para a formação do turismo cultural.

Os valores étnicos são reforçados como matéria-prima para o deslocamento de visitação a estes locais. A população local evoca a autenticidade com a sua participação. Envolvem-se os agentes, operantes vivos das relações espaciais (FEATHERSTONE, 1997, p.166).

Método e procedimentos metodológicos

“Nenhuma teoria está em concordância com todos os *fatos* de seu domínio, circunstância nem sempre imputável à teoria” (FEYERABEND, 1977, p.77). Espera-se, ao partir de hipóteses sem rumos rígidos (positivos), definidos, contribuir para a formação de algumas questões norteadoras. Entretanto, as respostas não estão presentes em sua hipótese. Nela, estão dúvidas, que as pesquisas exaustivas, esperam ser aliadas na configuração de suas respostas. Muitas vezes novas indagações.

Afinal, “sem ‘caos’ não há conhecimento. Sem freqüente renúncia à razão, não há o progresso” (FEYERABEND, 1977, p.279).

Espera-se, com uma construção teórica com objetos do senso comum, reunir os fragmentos de maneira diversa. “Afinal os modelos teóricos nascem da analogia, mas gradualmente se distanciam do padrão em que a analogia se apoiava. E assim por diante” (FEYERABEND, 1977, p.451). O sujeito se posiciona (ou desloca-se) entre visitantes e visitados, neste grande circuito de exposição cultural que é a Rota Romântica. O objeto define espacialidades neste percurso, entretanto, sua formação se faz por valores representacionais. Espera-se, assim, configurar o objeto agrupado e entendido da memória no reconhecimento do recurso cultural Destarte, “a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento”. (BOSI, 1994, p.3).

A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Ela aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 1994, p.9). A percepção complexa e concreta faz uso das lembranças.

No uso da memória, “o passado conserva-se e, além de conservar-se, atua no presente, mas não de forma homogênea (BOSI, 1994, p. 11). Hoje, a função da memória é o conhecimento do passado que se organiza, ordena o

tempo, localiza cronologicamente. Na aurora da civilização grega ela era vidência e êxtase. O passado revelado desse modo não é o antecedente do presente, é a sua fonte. (BOSI, 1994, p.47-8)

Como procedimento metodológico esta pesquisa utiliza-se do método interpretativo, resultante de observação, que é a base para todos os demais métodos de pesquisa (ADLER e ADLER, 1994). As observações podem ser feitas tanto em laboratório (ambientes isolados) como no ambiente onde a ação acontece – “*Naturalistic Observation*”, e segundo Denzin (2000; p. 674), não interferem com as pessoas ou atividades a serem observadas. Devido à amplitude deste método, é necessário que a observação siga modelos sistematizados (EVERTON e GREEN, 1986) dependendo do ambiente, da pessoa que observa e do propósito desta observação.

Erickson (1986; p. 119) discute as metodologias qualitativas na pesquisa em educação, entre elas, o método interpretativo, o qual se refere a abordagens de pesquisa e observação participante, que acredita ser mais abrangente que termos particulares como etnografia, estudo de caso e métodos não quantitativos. Segundo o autor, este método possui um longo caminho de utilização e adaptação desde o século XIX, com Grim, Both, Webb, Malinowski, Dilthey, Weber, Hüssel, Mead e Park, entre outros. O que torna o trabalho interpretativo não é apenas a simples narração de uma quantidade de dados obtidos, mas o foco e a intensidade com que são tratados.

Seguindo a definição de Erickson (1996), a pesquisa de campo com observação participante utilizando o método interpretativo envolve: a) uma participação longa e intensa no meio pesquisado; b) armazenamento cuidadoso dos acontecimentos; c) reflexão e descrição detalhada dos dados. Este método é apropriado quando se necessita saber mais sobre ocorrências específicas, em eventos específicos e onde busca-se identificar questões causais não possíveis de serem identificadas em métodos de experimento. Neste sentido, é adequado quando se procura responder à questão “O que acontece aqui e qual a causa?” e continuamente transformá-la em “como estes resultados podem ser comparados com o que acontece em outros lugares”. O resultado da pesquisa interpretativa é de grande interesse aos professores que experimentam situações semelhantes.

Quanto às formas de coletar e armazenar os dados, Evertson e Green (1986) apresentam quatro sistemas: Sistema de Categoria, Sistema Descritivo, Sistema Narrativo e Armazenamento Tecnológico. O sistema narrativo, utilizado neste trabalho, é um sistema aberto, sem categorias pré-definidas, cujos limites são considerados durante e antes da observação. Os dados são armazenados em diários e anotações e a meta é entender um caso específico e comparar com outros casos similares.

Referencial teórico

Na formação do patrimônio histórico, normalmente, encontra-se as seguintes lógicas:

“Em primeiro lugar, a história que se preserva tende a ser a história das classes dominantes. (...) Tomando novamente como exemplo os movimentos operários, pode-se verificar facilmente que toda sua história de lutas passadas não

conta com marcos físicos (monumentos, museus, exposições, comemorações) que facilitem sua perpetuação na memória popular” (DURHAM, 1984, p.33).

Entretanto, no processo da imigração, o memorial engendra o monumento. As etnias dos imigrantes hoje reportadas por grupos hegemônicos. Formatam-se regiões por suas reproduções culturais, como referência. Esta relação dualiza com sua situação de povo emergente, associado ao trabalho. Relação em que, “nesse processo, se perdem inúmeras criações culturais relevantes que não foram assimiladas pelas elites e se olvidam fatos históricos significativos e importantes para se compreender o país” (DURHAM, 1984, p.34).

Essas situações levam a refletir acerca de seu reconhecimento. Espera-se que devam ser eliminadas as “barreiras educacionais e materiais que impedem a grande maioria da população de ter acesso aos bens culturais que são monopolizados pelas camadas dominantes de outro lado” (DURHAM, 1984, P.34). Assim, difunde-se a produção cultural própria dos diversos grupos.

O seu reconhecimento deve envolver o entendimento dos seus valores culturais e especificidades do ambiente físico. Não como valores dualistas, mas pelas complexidades das relações da produção do espaço social. Condição que deve apresentar os objetos culturais como patrimônios dinâmicos. Há, entretanto, uma forte tendência em distanciar de seus elementos indissolúveis. “Por isto é necessário afastar qualquer tentação de congelar este patrimônio, como se esta fosse a única forma de garantir sua sobrevivência.” (SILVA, 1992, p.19-20)

Sabe-se que, para a sociedade, “a existência de equipamentos culturais, como museus, teatros, bibliotecas, arquivos etc. é, obviamente, legítima e insubstituível. O caráter institucional e a especialização são indispensáveis para assegurar a necessária ampliação do acesso, no tempo e no espaço, aos bens culturais” (MENESES, 1992, p. 192). Embora o entendimento cultural possibilite que esse seja apresentado por eventos dinâmicos e didáticos. A utilização dos equipamentos culturais desafia muitas questões fundamentadas em ideologias diversas, e percorridas há décadas.

O museu deve ser entendido como algo além de um instrumento (ou receptáculo) de conservação do acervo cultural. Nele, a comunicação e a informação para o público externo e a comunidade devem ser feitas de uma forma que exerçam um domínio da interpretação e educação patrimonial.

Así, podemos hablar de una concepción propia del siglo XX como es la del museo organizado, vivo y didáctico desde la superación del museo almacén, hasta constituirse en no pocos casos con el perfil de banco de datos y con el de museo laboratorio. Pero también del museo como seducción y espectáculo, con numerosos matices y variantes, como puedan ser los propios de una cultura finisecular, fragmentada, neobarroca y consumista, en conexión con ciertos parámetros de una llamada sociedad postmoderna. (FERNÁNDEZ, 2003, p. 15-6)

O museu se converteu em um meio, um instrumento a serviço da comunidade e do patrimônio. Funções do museu, neste momento, são: estudo e investigação do patrimônio, sua salvaguarda e difusão.

Define-se a nova museologia com os parâmetros: a democracia cultural, em que nenhuma cultura dominante seja tida como “a cultura”, valorizando a cultura de cada grupo; um novo paradigma – da mono à multidisciplinaridade; do público à comunidade; do edifício ao território; a conscientização da comunidade com relação à existência e ao valor de sua própria cultura; um sistema aberto e interativo, tendo por objeto o patrimônio doado pela comunidade; o diálogo entre sujeitos, com a participação ativa dos membros da comunidade, em que o museólogo deixa a posição de *expert* e passa à de catalisador a serviço das necessidades da comunidade e; um método: a exposição, em que se colocam em cena os objetos com uma linguagem visual utilizada e praticada por todos na vida cotidiana (MAURE, 1996, p. 127-132).

Dessa forma, “a nova museologia representa uma experiência coletiva de reconhecimento, de salvaguarda, de gestão e de projeção do patrimônio mais vital para a sobrevivência de uma coletividade, as capacidades e competências de indivíduos, grupos e organismos com a ação democrática no espaço público (DOUCET, 1996, p. 145-146).

El museo ha pasado de ser un sacrosanto e inmarcesible templo patrimonial a convertirse en una institución viva, dinámica y de difusión sociocultural activa; y ha devenido desde una posición lejana e inaccesible al público no especializado a adquirir una concienciación de institución cultural al servicio de todos y utilizado por todos los miembros de una comunidad. (FERNÁNDEZ, 2003, p.91)

Busca-se no museu uma instituição viva. Dinâmicas de difusão devem privilegiar os entendimentos patrimoniais. O ambiente, a cultura e a sociedade devem ser objetos ou temáticas de suas performances. Objeto de comunicação nele inserido, sua utilização como instrumento para o desenvolvimento sócio-cultural afirmam seu papel contemporâneo. Suas coleções, seus acervos, precisam estimular dinâmicas culturais e novos entendimentos.

Condição própria no momento atual. Assim:

(...) a aplicação à história dos dados da filosofia, da ciência, da experiência individual e coletiva tende a introduzir, junto destes quadros mensuráveis do tempo histórico, a noção de duração, de tempo vivido, de tempos múltiplos e relativos, de tempos subjetivos ou simbólicos. O tempo histórico encontra, num nível muito sofisticado, o velho tempo da memória, que atravessa a história e a alimenta. (LE GOFF, 2003, p.13)

O passado deve ser estimulado em oposição ao presente. Seus interesses consistem no reconhecimento de valores que justificam esses momentos distintos. Atinge-se o passado a partir do presente. “O passado é uma construção e uma reinterpretação constante e tem um futuro que é parte integrante e significativa da história.” (LE GOFF, 2003, p. 25). Afinal, no presente sobrevivem condições envelhecidas. Sua escolha perpassa as mais

diversas condições e interesses. São sinais passados que seus fragmentos elucidam representações da respectiva história.

O momento tem suas formações como monumento e memória. Este reconhecimento, como valor memorial aproxima-os. Destaca-se a real função. “O *monumento* tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos.” (LE GOFF, 2003, p. 526). Produz um universo simbólico de representação social. Condição que se torna propícia, a partir da década de 70, quando a intelectualidade define novos valores e novos interesses (FONSECA, 2005, p. 23).

Observa-se, no museu, uma relação patrimonial. A utilização de locais com valores memoriais, requalificando-os, torna-se uma prática comum. Antigas residências e outras edificações são utilizadas. Elas, normalmente, têm um forte apelo ao histórico. Espera-se, assim, agregar outros valores, como o simbólico e o político (FONSECA, 2005, p.27-8). Assim, nelas devem-se agregar representações espaciais que as identifiquem. Suas práticas de construção e de objetificação de identidades coletivas, que:

(...) em termos políticos, representam, em muitas oportunidades, interesses conflitantes entre si e com um projeto nacional, às vezes apresentado só a égide do *interesse público*. Ou seja, trata-se de, ao mesmo tempo, atualizar um ponto de vista analítico – no sentido de tentar adequar a perspectiva da pesquisa às condições atuais do Estado e da sociedade brasileiros, sob um regime democrático – e tentar vislumbrar possibilidades de participação social ainda não exploradas. (FONSECA, 2005, p. 29-30)

Na definição das referências patrimoniais envolvem-se, assim, múltiplas memórias coletivas e, mesmo, como parte de uma memória nacional. Apropria-se da pluralidade cultural, enraizada em práticas sociais diferenciadas (FONSECA, 2005, p. 30). Inúmeras possibilidades e representações tornam-se possíveis ao museu, abrigo de memória e da tradição na construção de identidade coletivas. Pode, entretanto, ser recurso para a “legitimação da idéia de nação” (FONSECA, 2005, p. 51).

Perspectiva essa fundada por diversas determinações. Assim, as Normas de Quito (1967) e, no Brasil, o *Compromisso de Brasília* (1970) e o *Compromisso de Salvador* (1971), resultado de reuniões de governadores, definiram um arcabouço ideológico e a criação, junto à Seplan, do Programa Integrado de Reconstituição das Cidades Históricas em 1973” (FONSECA, 2005, p.142). Nessas condições, a noção de autenticidade passou a ser questionada, pois considerava-se que decorria de uma visão dogmática e externa do processo” (FONSECA, 2005, p.147), envolvendo o reconstruído, o vernacular e o eclético, na lógica patrimonial. “O objetivo, nesse caso, passava a ser o de conhecer, referenciar e compreender essas manifestações, visando a preservar sua memória e a fornecer elementos para o apoio e seu desenvolvimento” (FONSECA, 2005, p. 148). Os hábitos locais resistem às forças que tendem a transformá-los, e essa resistência permite perceber melhor até que ponto, em tais grupos, a memória coletiva tem seu ponto de apoio sobre as imagens espaciais. Com efeito, as cidades se transformam no curso da história. (HALBWACHS, 1990, p. 136). “A

(re)construção imaginária da identidade envolve, portanto, uma escolha, entre múltiplos eventos e lugares do passado, daqueles capazes de fazer sentido na atualidade.” (HAESBAERT, 1999, p. 180).

Os museus da Rota Romântica

O roteiro Rota Romântica é formado por 13 municípios colonizados por imigrantes alemães, a partir de 1824. A partir de um levantamento inicial em cada um destes municípios com o objetivo de saber se existem ou não museus e qual a temática abordada em cada exposição, foi constatado que 5 municípios não possuem nenhum tipo de museu, porém 2 deles tem projetos para construção do seu primeiro espaço. Os oito municípios restantes agrupam um total de 19 museus, com diferentes temáticas abordadas, Museu do Chocolate, Museu do Automóvel, Museu do Piano, Museu do Índio, entre outras temáticas consideradas importantes para preservação histórica destes municípios, porém que não se enquadram no recorte definido para esta pesquisa, que é a memória da imigração alemã.

Os municípios de São Leopoldo, Novo Hamburgo, Ivoti, Dois Irmãos e Nova Petrópolis, possuem espaços que contam, em especial, a história da imigração, os aspectos culturais e os costumes específicos da colonização de seus municípios.

As primeiras famílias de imigrantes alemães a desembarcarem no Rio Grande do Sul, no ano de 1824 se estabeleceram em São Leopoldo, cidade situada às margens do Rio dos Sinos. Em 1959, foi instalado neste município o Museu Visconde de São Leopoldo, que conta hoje com um acervo de mais de 200.000 objetos, entre peças de decoração, utensílios domésticos, ferramentas de trabalho, jornais, documentos e fotografias que contam a história da imigração alemã no Rio Grande do Sul. Dentre os museus selecionados para a pesquisa, este é o mais antigo.

Os municípios de Novo Hamburgo, Ivoti, Dois Irmãos e Nova Petrópolis, tem seus museus instalados em casas construídas utilizando a técnica de construção conhecida como *Enxaimel*. Esta técnica se utiliza de uma mistura de materiais, com a estrutura principal da edificação feita em madeira e os fechamentos, com pedras e tijolos. Cada um destes museus tem como temática a colonização alemã nestes municípios. Em linhas gerais, os materiais expostos são objetos de cozinha, de trabalho no campo, de decoração, móveis e roupas.

Os museus de Novo Hamburgo e São Leopoldo são de responsabilidade e iniciativa de fundações e grupos de amigos, nos demais municípios, as prefeituras são responsáveis pela sua manutenção.

Todos estes museus estão definidos como atrativos turísticos de seus municípios, atendendo á visitantes durante todos os dias da semana e nos finais de semana e feriados. As visitas são guiadas por pessoas especializadas que relatam a história dos objetos, os objetivos da exposição e fazem a comunicação entre o visitante e o local visitado.

Considerações Finais

O roteiro Rota Romântica propicia uma imersão na cultura da imigração germânica no Rio Grande do Sul. Em seu percurso, abriga diversos atrativos, dentre os quais, pelo recorte aqui proposto, foram selecionados os museus que tratam da memória da imigração alemã. A salvaguarda desta memória coletiva regional, através dos museus, é essencial para a compreensão dos elementos formadores das representações identitárias desta sociedade.

A valorização dos museus, e conseqüentemente das identidades regionais que eles abrigam, é fator fundamental para a manutenção da multiculturalidade brasileira. No caso da Rota Romântica, essa valorização pode ser alavancada pela atividade turística, que o próprio roteiro estimula. Através da interpretação patrimonial e da interação, os museus podem transcender a idéia de preservação, disseminando a cultura e contribuindo para compreensão do outro.

REFERÊNCIAS

- Arantes, Antonio A. (1984) “Prefácio”, In. Arantes, Antonio Augusto (Org.). *Produzindo o Passado. Estratégias de construção do patrimônio cultural*. Brasiliense: São Paulo.
- Durham, Eunice Ribeiro. (1984) “Cultura, patrimônio e preservação”. Texto II. In. Arantes, Antonio Augusto (Org.). *Produzindo o Passado. Estratégias de construção do patrimônio cultural*. Brasiliense: São Paulo, 1984. p. 23-58
- Bosi, Ecléa. (1994) *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 3ª ed. São Paulo, Companhia das Letras.
- Feyerabend, Paul. (1977) *Contra o método: esboço de uma teoria anárquica da teoria do conhecimento*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.
- Silva, Ola Brites da. (1992) “Memória, preservação e tradições populares”. In. São Paulo. Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. *O Direito à memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo: DPH, 1992.
- Meneses, Ulpiano T. Bezerra de. (1992) “O Patrimônio cultural entre o público e o privado”. In. São Paulo. Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. *O Direito à memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo: DPH, 1992.
- Fernández, Luis Alonso. (2003) *Introducción a la nueva museología*. Madrid: Alianza Editorial.
- Maure, Marc. (1996) “La nouvelle muséologie – qu’est-ce-que c’est?”. In: SCHÄRER, Martin R. (ed.) *Museum and community II*, Icofom Study Series (ISS) 25, Vevey, Suíça, Alimentarium Food Museum, p. 127-132.
- Doucet, P. (1996) “Les nouvelles meséologies: approches conceptuelles et pratiques”. *Nouvelle muséologie: mythe et réalité*. Session ICOFOM-MINOM, ICOM, 1995, Stavanger, Noruega. In. Schärer, Martin R. (ed.) *Museum and community II*, Icofom Study Series (ISS) 25, Vevey, Suíça, Alimentarium Food Museum, p. 145-146.
- Featherstone, Mike. (1997) *O desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade*. São Paulo: Studio Nobel e SESC.
- Le Goff, Jacques. (2003) *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão et al. 5ª ed. Campinas: Ed. UNICAMP.

- Fonseca, Maria C. L. (2005) *O patrimônio em processo*. 2ed. EdUFRJ, Minc, Iphan, Rio de Janeiro: 2005.
- Halbwachs, M. (1990) *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- Haesbaert, Rogério. (1999) Identidades Territoriais. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ.
- Adler; Adler, (1994). In: Denzin, N & L. Y, *Handbook of Qualitative Research*, 2ed., Sage Publications, Inc.,U.S.
- Denzin, N; L. Y (2000). *Handbook of Qualitative Research*, 2ed., Sage. Publications, Inc.,U.S.
- Erickson, F. (1986) “Qualitative Methods”. In: *Handbook of Research on Teaching*, 3ed., MacMillan Publ. Co., New York, 464-478.
- Evertson, C.; Green, J. (1986) “Observation as Inquiry and Method”, In: *Handbook of Research on Teaching*, 3ed., MacMillan Publ. Co., New York, 464-478.
- Funari, Pedro Paulo. Pinsky, Jaime.(orgs.).(2005) *Turismo e Patrimônio Cultural*. 4.ed. São Paulo: Contexto.